

IDENTIDADES CONSTRUÍDAS: AS BIOGRAFIAS DE PETRARCA

LUÍS ANDRÉ NEPOMUCENO

RESUMO O presente artigo faz uma compilação das mais importantes biografias escritas sobre Petrarca, desde o Trecento aos dias de hoje.
PALAVRAS-CHAVE Francesco Petrarca; gênero biográfico; recepção.

ABSTRACT *Il presente articolo fa una compilazione delle più significative biografie scritte su Petrarca, dal Trecento ai nostri giorni.*

PAROLE CHIAVE *Francesco Petrarca; genere biografico; ricezione.*

ABSTRACT *The current paper compiles the most important biographies on Petrarch since the Trecento till today.*

KEYWORDS *Francesco Petrarch; biographical genre; reception.*



1. Uma biblioteca petrarquiana

E

m 1974, durante as celebrações dos 600 anos da morte de Francesco Petrarca, o grande filólogo italiano Giuseppe Billanovich apresentava, como resultado dos trabalhos de seu jovem aluno Giuseppe Frasso, um painel de pesquisas e fontes iconográficas que atualizavam as informações mais recentes sobre a vida do “primeiro moderno” e divulgador do Humanismo¹. No prefácio do catálogo, Billanovich argumentava, com propriedade, o fato de que a biografia de Petrarca, ou antes, o conhecimento que temos sobre ela, atualiza-se e se refina a cada ano, *all'esterno* e *all'interno*, à medida que cada geração de críticos e biógrafos é capaz de lançar novos olhares tanto às informações já sabidas, quanto às novas notícias que têm resultado de pesquisas históricas e filológicas modernas. Dizia Billanovich que a vida de Petrarca é “una biografia in progressivo restauro”². E, de fato, chega a ser espantoso o número de trabalhos biográficos sobre o poeta e humanista, desde sua morte em 1374, o que torna sua vida uma das expressões mais rastreadas pelo mundo moderno.

O fenômeno não se explica apenas pela importância do biografado, mas pelo caráter intimista de sua obra, que apresentou a seu século o registro de quase todos os momentos de uma vida plenamente envolvida por experiências políticas, civis, artísticas e amorosas, num tempo em que a intelectualidade européia se despedia do mundo escolástico e medieval, pouco dado à matéria subjetiva. Ao longo de suas mais de 600 cartas, somadas a um livro de confissões e a um rico acervo de poesias igualmente confessionais (pelo menos assim ele nos faz crer), Petrarca parece ter efetivamente registrado cada um de seus momentos, oferecendo ao leitor um amplo painel de suas experiências íntimas, de seus múltiplos olhares sobre o mundo, de seus ideais estéticos e políticos, de seus dramas e amores, de tal forma a construir uma identidade traçada e desenhada por critérios literários, tão complexa que o volume imenso de informações poderá ser

1. O trabalho resultou no catálogo da mostra *Itinerari con Francesco Petrarca*. Padova: Antenore, 1974, posteriormente reeditado para as comemorações dos 700 anos de nascimento do humanista, no volume de Frasso, Giuseppe (ed.). *La biografia per immagini: tutti i luoghi della sua vita fotografati da Lorenzo Capellini*. Torino: Umberto Allemandi & C., 2004.

2. Frasso, Giuseppe (ed.), op. cit., p. 13.

uma dificuldade, mais do que um auxílio. De qualquer forma, tudo isso pode trazer uma solução e um problema: se, por um lado, o biógrafo tem em mãos os detalhes para a composição desse todo, por outro, deverá entender que esse *corpus* é antes de tudo literário, e não exatamente autobiográfico, o que pode resultar em cartas e poemas que, se numa primeira instância deixam revelar a vida, numa outra, deixam-se flagrar, por um olho mais criterioso, em circunstâncias de manipulação literária. Isso quer dizer que Petrarca não escreveu exatamente a sua vida, mas uma vida elaborada por recursos estéticos e filosóficos; em outros termos, a vida-modelo que ele quis representar à posteridade.

Ao se rastrear um conjunto de biografias petrarquianas, escritas ao longo dos séculos, um pressuposto óbvio que se delineia é que as biografias do humanista respondem a determinados anseios históricos, o que quer dizer que os biógrafos não se limitaram a construir as bases para uma vida do poeta e humanista, mas, mais que isso, lançaram luzes novas sobre esses fatos, de forma a adequá-los a um olhar específico, historicizado por interesses, mesmo quando circunscritos em um arcabouço científico. Se tal pressuposto – o de que a vista pessoal subjetiviza os objetos – pode mesmo soar óbvio, talvez não seja evidente a possibilidade de reconstrução de tão múltiplos olhares, traçados de acordo com critérios específicos construídos ao longo desse tempo. Em outros termos, o problema está em definir e sistematizar esses modelos, alguns deles menos preocupados em fixar fatos e datas da vida de Petrarca do que em interpretar esses dados e adequá-los a seus interesses. Se o mesmo Petrarca elaborou estratégias engenhosas para construir uma identidade postiça que ele julgou ser moralmente útil e significativa para a posteridade, é verdade que também seus biógrafos foram igualmente idealizadores de outras “identidades construídas” todas elas respostas úteis e significativas a seu tempo.

Uma vez compreendida a íntima relação de cada uma das biografias com suas delineações históricas e epistemológicas, julguei que seria inevitável classificá-las, conforme critérios a serem desvendados, por mais que isso parecesse restritivo ou ainda arbitrário. Assim, haveria pelo menos três grandes grupos de biógrafos que equivalem evidentemente a três momentos na tradição dos estudos petrarquianos: a) um grupo humanista, que se inicia pelo pequeno opúsculo de Boccaccio, o *De vita et moribus Domini Francisci Petracchi de Florentia*, e se estende até as pesquisas de meados do século XVIII, grupo que, apesar de compor uma amostra com trabalhos distantes entre si no tempo, resulta em textos com métodos diferentes, porém tendentes a uma mesma solução, sempre disposta a edificar uma sólida base moral do biografado, mantida por interesses políticos, eventualmente nacionalistas; b) um grupo romântico, que se inicia pela imensa pesquisa setecentista de Sade, embora encontre respostas tardias até mesmo no século XX, e que polemizou aspectos íntimos da vida de Petrarca, adequando sua obra a uma sensibilidade romântica e promovendo controvérsias intermináveis sobre a identidade de Laura; c) e por fim um grupo moderno, menos tendencioso a reconstruções idealizadas e pautado exclusivamente pelos resultados de investigações filológicas iniciadas no fim do século XIX.

Um dos grandes entraves para a compreensão e sistematização de uma biografia do poeta foi mesmo entender o mito que ele fizera de si. Foi preciso ler sua obra sempre com olhos postos na retórica humanista, sem jamais esquecer que o princípio dessa obra é a construção de uma identidade, mediante a imitação de modelos clássicos.

Nas incursões biográficas mais recentes, pesquisadores têm evidenciado a manipulação literária e os jogos retóricos de Petrarca, de forma a tornar visíveis os mitos criados pelo poeta. Giuseppe Frasso, por exemplo, deixa claro que o critério do epistolário não tem princípios documentais, mas artísticos, o que faz de grande parte das *Familiars* e das *Senis* quase um romance literário, em que o personagem central é o indivíduo cristão em busca de certas virtudes estoicas, como a *tranquillitas animae* de Sêneca, e mais que isso, em busca de uma redenção. Frasso chega a afirmar, por exemplo, que a narrativa da subida do Monte Ventoux é pura fantasia e reflexão moral, em que cada elemento externo se torna motivo para uma indagação sobre si e sobre o mundo³

Com isso, vê-se que uma “arqueologia” das biografias de Petrarca é, ao mesmo tempo, uma história da crítica petrarquiana. O conhecimento que se tem e que se teve sobre sua vida é resultado de uma relação de dependência com outros trabalhos críticos paralelos e com outros discursos ideológicos marcados por tendências diversas. Creio que recompor um histórico, ainda que breve, desse grande acervo das biografias de Petrarca seja também um gesto de convicção humanista, num tempo em que a convicção humanista é verdade de tempos passados. Mas lidar com esse universo é como reconstruir uma biblioteca petrarquiana, não como projeto de se reviver o passado, mas como projeção do que esse passado humanista pode significar para os nossos dias.

2. O grupo humanista

Quando Petrarca esteve em Nápoles em 1341, para o seu famoso encontro com o rei Roberto de Anjou, que o admitiria no exame para o recebimento da láurea, sua fama de poeta e erudito se espalhou, e se espalharia muito mais, depois de sua coroação em Roma. Boccaccio estava em Nápoles naquela época e é possível que tenha visto o humanista famoso, pelo menos superficialmente, já que os dois só se encontrariam nove anos depois. O contato com a obra de Petrarca o fascinou, ainda que muito pouco ele tivesse lido até então⁴. De qualquer forma, foi o suficiente para que alguns anos depois, possivelmente entre 1342-44⁵, ele se pusesse a escrever um pequeno opúsculo sobre o pouco que reunira sobre a vida e a obra do já célebre poeta. Era a primeira vez que se escrevia um texto crítico e biográfico sobre Petrarca e, apesar da insipiência e da pouca acuidade no trato com fatos e datas, o *De vita et moribus Domini Francisci Petracchi de Florentia* abria um campo fértil para o mito das biografias petrarquianas, que se espalharia a partir do século seguinte. O próprio título, que sugeria a contemplação de aspectos da vida e dos costumes do humanista, já indicava uma disposição de Boccaccio para a edificação de um mito. Sem do-

3. Frasso, Giuseppe (ed.), op. cit., p. 19.

4. Mesmo em 1350, na primeira epístola métrica escrita ao famoso poeta, Boccaccio ainda lamentava o fato de não possuir cópias de muitas obras petrarquianas que circulavam em mãos de pessoas incultas.

5. Villani, Gianni, “Introduzione”, in: Boccaccio, Giovanni, *Vita di Petrarca*. Roma: Salerno Editrice, 2004, p. 30. Villani propõe as datas de 1342-44 para a primeira redação, e 1349-50, para acréscimos e revisões.

mínio da obra petrarquiana, que ele irá conhecer com maior intimidade apenas a partir de 1351, o autor do *Decameron* viu-se forçado a falar mais do homem do que da obra, e o fez sustentado em notícias que circulavam informalmente em Nápoles e Florença naquela época.

A biografia era um gênero literário que começava a ser difundido no século XIV, e para os humanistas, pelo menos até o século XV, tratava-se de um gênero que fazia parte da literatura panegírica, em geral contornada por interesses políticos⁶, e a divulgação das *Vidas Paralelas* de Plutarco ajudou a ampliar e consolidar esse quadro. O compromisso histórico e factual era meramente circunstancial em comparação ao elogio do biografado, e o núcleo das biografias panegíricas humanistas era a construção de um modelo moral e político que justificasse a divulgação da vida dos grandes à posteridade. Nesse sentido, o opúsculo de Boccaccio faz uma espécie de retrato do *vir sapiens*, cujo modelo está na obra de Sêneca, idealizando um Petrarca de costumes límpidos e práticas moderadas pela virtude. Tudo indica que Boccaccio se tenha deixado levar pelo próprio mito que Petrarca vinha criando de si, julgando que o ideal filosófico e literário se estenderia ao homem, e que o primeiro espelharia o segundo. Seu biografado é cortês e eloqüente, resume o ideal absoluto do estoicismo cristão, é honesto, afável, transparente, moderado, religioso, tem o riso contido e a memória divina para o conhecimento; no amor, tendo amado uma certa Lauretta, foi molestado, porém não vencido pelos desejos⁷ (o controle das paixões é razão imprescindível para o homem sábio). Fosse verdadeira a teoria da metempsicose de Pitágoras, diz o biógrafo, Petrarca seria uma nova encarnação de Virgílio. Por fim, seu poema *África* é digno de Homero (Boccaccio só conheceria Homero por volta de 1365).

O opúsculo de Boccaccio abriu portas para pesquisas biográficas em torno da celebridade de Petrarca, já que no século XIV, mas mais especificamente no século XV, biografias tornaram-se um gênero extremamente difundido numa Florença que, lutando contras as forças viscontianas de Milão, tentava impor-se por sua história e pela memória de seus homens ilustres. O tratado de Filippo Villani, *De origine civitatis Florentiae et de eiusdem famosis civibus*, escrito possivelmente entre 1379-81, tem intenções políticas de exaltação do nome de Florença e parece ter inaugurado entre os florentinos a prática comum de biografar as “três coroas”, ou seja, Dante, Petrarca e Boccaccio. Villani ratificou o retrato idealizado de Petrarca, proposto por Boccaccio, ampliando-o com cores fantasiosas: não menciona os filhos do poeta, nem seu amor por Laura, atestando ainda uma vida casta e a crença numa virgindade mantida até o fim da vida, além de propagar o mito de que, presente no momento da morte de Petrarca, o amigo Lombardo della Seta teria visto e atestado pessoalmente a Villani a imagem do espírito divino do poeta, em forma de clara nuvem (*in candidissime nebule speciem*), saindo de seu corpo para o encontro com Deus⁸

As biografias de Petrarca escritas pelos primeiros humanistas – portanto pertencentes a uma geração que conviveu com os contemporâneos do poeta ou eventualmente manteve contato direto com ele – foram textos comprometidos com essa propaganda política de Florença e, se por um lado pagavam tributo póstumo ao conterrâneo ilustre (na *Sen.* XIII 3, ele dizia que Arezzo

6. Baldassarri, Stefano U., “Introduzione”, in: Manetti, Giannozzo, *Vite di Dante, Petrarca e Boccaccio*. Palermo: Sellerio Editore, 2003, pp. 17-18.

7. Boccaccio, Giovanni, op. cit., p. 87.

8. Ibidem, p. 96.

acolheu melhor um estrangeiro do que Florença um cidadão), por outro utilizavam-se de seu nome como promoção da cultura própria. O mesmo teria acontecido com Boccaccio e com o exilado Dante. Em geral, pelo menos até o século XV, as biografias são superficiais, com pouco domínio da vida e da obra do biografado, e nelas a exposição de modelos morais e políticos supera o propósito histórico e garante uma participação ativa no ascendente Humanismo civil de Florença e, posteriormente, de Pádua, onde Petrarca viveu seus últimos dias e onde firmara amizades políticas importantes, como a família Carrara. É o caso de Coluccio Salutati, cuja biografia de Petrarca permaneceu inédita, ou ainda dos paduanos Pietro Paolo Vergerio, cuja biografia foi publicada por Sade, e Siccone Polenton, cujo tratado *De illustribus linguae latinae scriptoribus* contempla uma breve biografia do poeta de Laura⁹. Sade e Baldelli ainda nos dão notícia de outros biógrafos quatrocentistas, como Bernardo Illicino (que, junto com a biografia, publicou uma exegese dos *Triunfos*, em Veneza, em 1475), Antonio da Tempo (que também comentou o *Canzoniere*), Girolamo Squarciafico e Francesco Filelfo (importante humanista, conhecedor de grego e pesquisador de códices), todos eles biógrafos inexpressivos, que inventaram histórias, como a de que Petrarca tinha uma irmã que fora corrompida sexualmente e entregue ao papa pelos próprios irmãos Francesco e Gherardo, ou a de que Urbano V teria promovido encontros amorosos entre Petrarca e Laura¹⁰. Grande parte desse conjunto de biografias esteve restrita a informações casuais e a notícias veiculadas na obra de Petrarca, sobretudo na *Posteritati*, que serviu de modelo único para muitos biógrafos humanistas posteriores.

De todo esse grupo que vai até o século XV, destacam-se os trabalhos de Leonardo Bruni e Giannozzo Manetti, dois grandes expoentes da vida civil de Florença, durante a expansão do Humanismo, ambos comprometidos com um projeto de glorificação do passado florentino e com a fixação e divulgação da obra das “três coroas”. Bruni, que já se dedicara a uma *Laudatio Florentiae urbis* (1403-05), como resposta às pressões da política milanesa, pôs-se ao exercício de composições biográficas, como as vidas de Cícero (*Vita Ciceronis*, 1415), Dante e Petrarca, sempre a exaltar as qualidades civis e as virtudes políticas de seus ilustres. Na *Vita di Dante* (1436), por exemplo, lamentava o fato de Boccaccio, em seu *Trattatello in laude di Dante*, ter negligenciado as atividades públicas e os combates armados de Dante e exaltado sua experiência amorosa como digna de menção¹¹. E, de fato, Bruni insiste no Dante político, no Dante que lutou pela pátria, mencionando superficialmente suas canções e sonetos, bem como aludindo a uma “*principale opera*”, sem referir-lhe o nome. Num paralelo entre o poeta da *Commedia* e Petrarca, insiste na imagem do primeiro como a de um cidadão honrado, “*cacciato e disperso per la malvagità degli uomini e per la ngratitudine de’ populi*” (p. 63). Na *Vita del Petrarca*, também de 1436, o núcleo de sua composição está no projeto humanista do poeta, que reconstruiu a graça e a beleza do grande estilo de Cícero, perdido e corrompido pela tirania dos imperadores romanos e, posteriormente, pelas invasões bárbaras. Exaltar o passado republicano de Roma e resumir a biografia de Petrarca a seus esforços para reconstruí-lo era uma forma também de

9. Uma relação completa das biografias humanistas de Petrarca está na introdução do livro de Baldelli, Giovan Battista, *Del Petrarca e delle opere sue libri quattro*. Firenze: Presso Gaetano Cambiagi, 1797, pp. XXI-XXIII.

10. Vellutello da Lucca, Alessandro, *Le volgari opere del Petrarca con la esposizione di...* Vinegia, Giovanni Antonio & fratelli, 1525 (ed. fac-similar).

11. Bruni, Leonardo, *Le vite di Dante e del Petrarca*. Ed. Antonio Lanza. Roma: Archivio Izzi, 1984, p. 34.

exaltar os programas culturais e a política humanista da república de Florença. Julgando Dante exilado e saudoso da pátria mais louvável politicamente do que Petrarca, o projeto florentino de Bruni esbarra na visão cosmopolita de Petrarca que, em canções como “Italia mia”, dava mostras de um nacionalismo mais amplo do que o dos grupos municipalistas.

Giannozzo Manetti, mercador, embaixador de Florença e hábil humanista, seguiu os passos de seu amigo Leonardo Bruni na composição das vidas dos ilustres. Escreveu as biografias de Sócrates e Sêneca e ainda da tríade Dante, Petrarca e Boccaccio, em seu *Trium illustrium poetarum florentinorum vita*, todas em 1440. Em muito, as influências de Bruni e Villani são notáveis: sobre Petrarca, Manetti menciona a reconstrução do estilo de Cícero, a relação com os poderosos de seu tempo e a austeridade de caráter. Referindo-se a Villani, sem citar-lhe o nome, diz que o controle das paixões lascivas e a sugestão de castidade e virgindade perpétua do humanista estão em desacordo com suas poesias, o que de todo está em conformidade com a imaginação dos poetas¹². Menos ligado ao programa do Humanismo civil de Florença, Manetti é leitor bem mais atento da obra de Petrarca, citando-lhe as cartas e os poemas, o que não o impede de corroborar alguns mitos promovidos por seus antecessores, confirmando aspectos quase hagiográficos da vida do poeta, como o mito da nuvem branca no momento da morte, a virgindade, os hábitos humildes e nobres e a memória milagrosa que guardava de cor pelo menos 20 mil versos.

As biografias de Petrarca chegam ao século XVI menos compromissadas com veículos políticos, e o projeto humanista de Florença dá espaço a um programa de nacionalismo mais amplo, transformando Petrarca no poeta do *volgare*, em sintonia com a ascensão das culturas nacionalistas da Renascença. Embora as obras latinas de Petrarca tenham sido publicadas no século XVI, a exegese petrarquiana, aos cuidados de críticos e poetas, deteve-se muito mais na obra em vernáculo, e as “exposições” do *Canzoniere* e dos *Triunfos* multiplicaram-se na proporção do petrarquismo ascendente. O poeta das rimas falava muito mais alto que o humanista das cartas e tratados. A leitura cuidadosa dos poemas em vernáculo estimulou indagações biográficas impensáveis para o século anterior, como a existência e identificação de Laura, a amada por quem o poeta suspirou por quase toda uma vida. Indagação ainda inexpressiva, o enigma de Laura irá render frutos e tornar-se um ponto de briga entre biógrafos românticos.

Alessandro Vellutello da Lucca, um dos expositores quinhentistas do *Canzoniere*, é o primeiro biógrafo a fazer uma espécie de pesquisa de campo e vai à Provença, no sul da França, em busca de documentos e testemunhos que possam atestar a identidade de Laura. Suas conclusões são arbitrárias: diz o biógrafo que a tradição tem que Laura é de Avignon, e que Petrarca a conheceu na Igreja de Santa Clara, numa sexta-feira da Paixão, mas que tudo isso é falso e vem da opinião de um certo Gabriel de Sade, ancião que lhe fornecera esses detalhes, descendente de Hughe de Sade, irmão de Jean de Sade, suposto pai de Laura¹³. Contestando, portanto, a versão tradicional, Vellutello concluía que Laura nascera em Cabrières, aldeia próxima de Vaucluse, em 1314, de sangue nobre, apesar do lugarejo humilde; que era filha de Henri Chiabau, senhor de terras

12. Manetti, Giannozzo, *Vite di Dante, Petrarca e Boccaccio*. Ed. Stefano U. Baldassarri. Palermo: Sellerio Editore, 2003, pp. 157-159.

13. *Le volgari opere del Petrarca con la espositione di Alessandro Vellutello da Lucca*. O exemplar a que tive acesso, fac-símile da edição *princeps* de 1525, revela que a estampa original, em tipografia minúscula e de difícil leitura, não apresenta número de páginas.

em Cabrières; que ela nascera e morrera na mesma aldeia, sem ter jamais se casado, porque o pai não quis rebaixar a condição nobre; e, por fim, que fora sepultada na Igreja dos Frades Menores. Contestando ainda o testemunho do próprio Petrarca, no seu manuscrito do Virgílio Ambrosiano (que Vellutello considerou espúrio), o biógrafo garantia que o primeiro encontro do poeta com a amada se dera nos campos de Cabrières. Afora essa polêmica, que inaugurou o enigma de Laura, a biografia de Vellutello não apresenta outros interesses: deixa de mencionar fatos relevantes, comete equívocos, mas diminui significativamente a sacralização do Petrarca edificada pelo programa florentino, ainda que seja notável o retrato um tanto idealizado do humanista.

Ainda na tradição quinhentista, conforme nos atesta o histórico de Baldelli¹⁴, Giovanni Andrea Gesualdo e Ludovico Beccadelli foram seguidores de Vellutello e publicaram suas biografias em edições comentadas do *Canzoniere* e dos *Triunfos*. O primeiro, expositor das rimas, editou-as em Veneza, em 1533, com um ensaio biográfico; o segundo, que Sade considera o melhor biógrafo de Petrarca até então, escreveu seu ensaio em italiano, em 1540, que permaneceu inédito até o século seguinte. Mesmo tendo decaído os estudos petrarquianos no século XVII, em decorrência do *gusto vizioso* apontado pelos neoclássicos, como Muratori, o paduano Giacomo Filippo Tomasini deu contribuição significativa à biografia de Petrarca, quando editou uma obra latina intitulada *Petrarcha redivivus* (1633), que reunia textos inéditos (como os de Vellutello, Leonardo Bruni, Manetti e Beccadelli), somados a um ensaio biográfico próprio. Tomasini, conforme nos atesta Baldelli¹⁵, presenteou seu volume ao papa Urbano VIII, que se gabava de descender da família de Petrarca, por parte de sua mãe. Tomasini era o primeiro a sistematizar historicamente o conhecimento biográfico que se tinha de Petrarca até o momento, e sua própria biografia nos dá a idéia de como esse conhecimento era ainda incipiente e equivocado até o século XVII.

O trabalho de Tomasini, reeditado com acréscimos em 1650, serviu de referência única para todo o século XVII e, por pelo menos cem anos ou mais, pouco se contribuiu para uma ampliação da biografia de Petrarca. Na já comentada introdução de seu livro, Baldelli¹⁶ menciona ainda os trabalhos setecentistas de Ludovico Antonio Muratori, o grande tratadista do Neoclassicismo italiano, cuja tão esperada biografia de Petrarca (publicada numa edição do *Canzoniere*) decepcionou a muitos, embora tenha agradado ao severo Sade; de Joseph de Bimard, Barão de la Bastie (natural de Carpentras, onde Petrarca fizera seus primeiros estudos), que deixou inédita em 1740 uma vida do humanista, que está nas atas da Académie des Inscriptions de Paris; e, por fim, de Luigi Bandini, que, seguindo a tradição quinhentista, publicou seu ensaio biográfico numa edição das rimas (Florença 1798). Nesse momento, a crítica petrarquiana começava a se despedir das biografias de tom humanista, que por séculos haviam edificado uma identidade modelada e idealizada de acordo com as próprias necessidades do Humanismo florentino e da Renascença italiana e francesa. A biblioteca petrarquiana estava pronta para dar um novo passo inaugural com o imenso trabalho do revolucionário Abade de Sade. A partir de então, Petrarca deixaria de ser aquele santo virgem cujo espírito visível encontrava-se com Deus no lendário momento da morte.

14. Baldelli, Giovan Battista, *Del Petrarca e delle sue opere libri quattro*, cit., p. XXIII.

15. *Ibidem*, p. XXIII.

16. *Ibidem*, p. XXIV.

3. O grupo romântico

Jacques François Paul Aldonce de Sade (1705-1778), mais conhecido como Abade de Sade, tio do famoso Marquês de Sade, escreveu e publicou seus volumosos três tomos das *Mémoires pour la vie de François Pétrarque* depois de pesquisas exaustivas sobre a biografia de Petrarca, praticamente num trabalho de vida¹⁷. Não resta dúvida de que o trabalho de Sade resumia os esforços mais significativos e revolucionários na história da crítica e das biografias petrarquianas. Consciente de seu papel inovador e do volume gigantesco de informações que reunira sobre seu biografado, Sade escreve um prefácio irônico e agressivo, no primeiro tomo, cujo título “Aux personnes d’Italie qui aiment la poésie et les lettres” era uma provocação aos italianos, mais especificamente aos florentinos, os quais ele acusava de desconhedores de seu ilustre conterrâneo Petrarca. Ainda que arrogante e provocador, e pouco consciente das possibilidades de interpretação da obra, o trabalho de Sade era mesmo inaugural, e seu novo Petrarca surgia não como modelo de virtudes morais, mas como intelectual e político da modernidade, e mais que isso, como um indivíduo consciente de sua história pessoal; enfim, um sujeito romântico.

As críticas irônicas de Sade, embora bem pontuadas, eram injustas e revelavam incapacidade interpretativa para compreender o programa humanista de Florença ou as exegeses quinhentistas. Ademais, o entusiasmo de seu espírito iluminista trazia-lhe a convicção de uma verdade racional e única. De qualquer forma, havia em seu discurso uma proposta coerente e sedutora: uma biografia começa pela leitura atenta da obra do biografado. E o rigoroso método de Sade fundamenta-se nisto: numa leitura exaustiva das fontes originais (a edição quinhentista da Basileia), sobretudo das cartas, e na consulta de obras de referência histórica. O resultado é uma obra imensa em seis livros, distribuídos em três tomos que, ao todo, compõem mais de 2000 páginas, que muito exigem da paciência do leitor, como ele mesmo admitiu.

O núcleo central da biografia de Sade, pelo menos na primeira parte, está na vida amorosa de Petrarca e no enigma de Laura, mesmo que ele tenha acenado para a vida pública do humanista e feito longas considerações sobre isso. Havia nesse projeto um interesse fortemente pessoal: Sade alegava ter revelado definitivamente a identidade de Laura, por meio da pesquisa em fontes e arquivos de sua própria família, o que conferia ao biógrafo o privilégio, a honra e o encanto de ser um parente distante da amada inspiradora do poeta. Suas conclusões, como as de Vellutello (embora mais documentalmente sustentadas), não deixam de ser arbitrarias e por vezes forjadas: Laura era filha de Audibert de Noves e Ermessende, nasceu e morreu em Avignon, casou-se com Hughe de Sade em janeiro de 1325 e com ele teve inúmeros filhos. Os documentos comprobatórios estavam estampados no fim do volume, nas *pièces justificatives*, e suas teses seriam reforçadas pela descoberta, no século XVI, do suposto túmulo de Laura em Avignon, onde os restos mortais vinham acompanhados de um soneto italiano atribuído a Petrarca e de outros objetos pessoais¹⁸. De fato, Sade fora bastante crédulo (ou fingiu sê-lo) ao considerar a

17. Sade, Jacques François Paul Aldonce de, *Mémoires pour la vie de François Pétrarque, tirées de ses œuvres et des auteurs contemporains; avec des notes ou dissertations, & les pièces justificatives*. Amsterdam: Arskée & Mercus, 1764-67 (3 v.). O nome do autor não aparece na folha de rosto dos volumes.

18. Lord Woodhouselee, no século XIX, fazia acusações a Sade, por ter dado crédito a essas descobertas e por ter forjado interpretações, no sentido de trazer para si o mérito do parentesco com Laura (Woodhouselee, Alexander Fraser Tytler, Lord, *An historical and critical essay on the life and character of Petrarch, with a translation of a few of his sonnets*. 2 ed. Edinburgh: James Ballantyne: 1812, pp. 85-93).

autenticidade dessa descoberta, e ainda mais crédulo quando partiu do pressuposto de que o *Canzoniere* é um documento irrefutável e legítimo de autobiografia. Estava certo quando disse que não escreveu uma biografia de Petrarca, mas apenas reuniu dados e memórias para composições futuras, embora a afirmação seja um ato de falsa modéstia e nova provocação aos italianos. Seu método de compreender a vida de Petrarca por meio da leitura atenta de seus poemas (afinal, o subtítulo do livro diz “tirés de ses œuvres”) não leva em conta os princípios míticos e alegóricos ainda típicos da poética medieval. Em novo prefácio ao 3º tomo, recusa com veemência a idéia de Laura como mito, apesar de estranhamente admitir a Beatriz de Dante e outras musas estilonovistas como fábulas e alegorias. Em centenas de páginas, Sade reconstrói, com paciência de monge, cada um dos momentos vividos pelo poeta diante de sua amada, traduzindo e comentando cartas, sonetos e canções, em trabalho interminável.

Talvez porque deixasse dúvidas inevitáveis em suas conclusões, o trabalho inaugural de Sade provocou as mais diversas reações, de tal forma a fazer surgirem as facções dos “sadistas” e “anti-sadistas”. Ainda em vida de Sade, Susanna Dobson recolheu as informações contidas nas *Mémoires*, traduziu-as e compôs um livro menor, em dois volumes, justificando que até então nada havia sido escrito sobre Petrarca em inglês, e que as outras biografias anteriores a Sade eram “pedantic and full of allegory”¹⁹. No entanto, o trabalho de Susanna Dobson não era uma tradução resumida, mas uma síntese bastante pessoal, somada a considerações equivocadas e preconceituosas, daquilo que ela lera em Sade. Em outros termos, a biografia de Dobson, mesmo contextualizada em seu tempo, é muito ruim: com mínimos cuidados científicos nas referências e notas, traduz muito livremente passagens de cartas e poemas, sem mencionar as fontes; reconstrói diálogos imaginários, com base em elementos tirados das cartas, o que torna o texto artificial e inverossímil; por vezes menciona supostas afirmações de Petrarca e mistura-as a seu texto, sem esclarecer se se trata de algum trecho de carta, poema ou reconstituição livre, como se o biografado tivesse sido entrevistado. Vê-se que Dobson foi incapaz de fazer relações entre a obra e a vida (dificuldade de tantos outros biógrafos românticos), negligenciando aqui e ali a referência a livros ou projetos importantes de Petrarca, além de espalhar por sua biografia uma série de comentários moralistas que irá caracterizar boa parte da crítica romântica e vitoriana na Inglaterra. O problema moral levantado por Susanna Dobson logo encontrou respostas no início do século XIX. Em 1809, Alexandre Fraser Tytler, ou Lord Woodhouselee, publicou um livro sobre Petrarca, resultado de um panfleto biográfico de 1784, e de uma dissertação mais recente sobre as hipóteses do Abade de Sade. Esta última ocupa a maior parte do livro e centraliza-se numa defesa entusiasmada da honra de Petrarca e Laura, ao mesmo tempo em que acusa Sade de uma “perversão sofisticada” (*sophisticated perversion*)²⁰ para forjar conclusões que identifiquem Laura de Sade com a amada de Petrarca. O centro das preocupações de Woodhouselee é provar que Laura, mesmo sendo da família de Noves, jamais se casou, e que um suposto casamento dela seria não apenas contraditório com toda a história de amor casto narrada no *Canzoniere*, como

19. Dobson, Susanna, *The life of Petrarch collected from Mémoires pour la vie de Petrarch*. 6 ed. London: T. Maiden, 1805, p. XVI.

20. Woodhouselee, Alexander Fraser Tytler, Lord, op. cit., p. 112.

também uma ofensa à honra dos amantes. Num esforço retórico de refutação das teses de Sade, Woodhouselee aproveita para acusar os franceses de levianos e pervertidos, alegando que aquilo que Sade chama de virtuoso é nada mais que a manutenção de uma paixão adúltera, desonrosa e absurda, mesmo que nenhuma traição carnal tenha existido entre o poeta e sua amada. Termina dizendo que o amor de Petrarca foi uma “*honourable and virtuous flame*”²¹.

Ainda na tradição dos biógrafos ingleses de Petrarca que entraram em méritos morais, Thomas Campbell²² parece ter dado as melhores contribuições. Embora razoavelmente moralista, e sempre disposto a acusações contra atos impuros de Petrarca, Campbell é biógrafo mais atento e mais hábil em interpretações sutis, construindo uma outra identidade em torno de seu biografado, mais realista e “manchada” pelos vícios de seu tempo. Consegue perceber, por exemplo, que Petrarca procurou a amizade dos Colonna e o patronato de Roberto de Anjou por uma autopromoção; que seus preconceitos italianos eram impróprios; que o humanista parece ter exagerado na descrição dos excessos dissolutos dos papas de Avignon, em função de uma defesa do mundo romano; e que esse exagero esteve também nas cartas consolatórias que trataram das mortes de amigos e conhecidos, resultado de seus exercícios retóricos.

A resposta italiana às provocações de Sade veio com Giovan Battista Baldelli (1797), estrela solitária do biografismo italiano de Petrarca, entre o fim do século XVIII e a segunda metade do século XIX, com exceção do livro de Giuseppe Finzi, às portas do século XX. Modesto, porém arrebatado, romântico, idealizador e patriótico, Baldelli confessava o magistério em Sade e sabia que suas pesquisas não poderiam ir além do que o grande expoente do biografismo francês já expusera. Pouco dotado de capacidade crítica, Baldelli escreveu um ensaio, dividido em 4 livros, confuso e desordenado: obras petrarquianas de períodos distintos (*De remediis, De viris, Africa*) são mencionadas como contemporâneas; fatos igualmente distantes no tempo se atropelam; livros importantes não são citados, bem como datas e personagens. Enfim, o rigoroso Sade teria se divertido com essa resposta dos italianos. E Baldelli também era moralista: acreditava que a existência de um filho de Petrarca, Giovanni (portanto, o “*commercio con femina impura*”), era uma mancha irreparável na pureza do *Canzoniere*²³

Depois de Baldelli, os únicos sucessores do biografismo italiano até o fim do século XIX, afora notas esparsas em edições das rimas, são Giuseppe Finzi e Clemente da Ponte. Este último escreveu a *Vita di Francesco Petrarca*, um breve resumo bastante superficial das considerações de Sade e do próprio Baldelli, a quem o autor registra um débito pessoal²⁴. Mas é difícil rastrear ali o Sade que ele diz ter lido, a não ser pela representação de um Petrarca perfeitamente romântico e melancólico, incompatível com o cidadão diplomático, político e divulgador dos *studia humanitatis*.

Giuseppe Finzi, na introdução de seu livro²⁵, promete um trabalho que dê novas luzes ao biografismo italiano, depois da antiga contribuição de Baldelli. Não menciona Da Ponte, mas elogia Robinson e o grande trabalho de Koerting, pesquisador humanista alemão que estudou atentamente as obras de Petrarca e Boccaccio. Apesar das promessas introdutórias, a biografia

21. Ibidem, p. 219. Para a acusação contra os franceses, p. 129.

22. Campbell, Thomas, *Life of Petrarch*. London: Henry Colburn, 1841 (2 vols.). A partir da 2ª edição, com ligeiros acréscimos: *Life and times of Petrarch with notices of Boccaccio and his illustrious contemporaries*. London: Henry Colburn, 1843 (2 v.).

23. Baldelli, G. B., *Del Petrarca e delle opere sue libri quattro*, cit., p. 74.

24. Da Ponte, Clemente, *Vita di Francesco Petrarca*. Padova: Tip. del Seminario, 1874.

25. Finzi, Giuseppe, *Petrarca*. Firenze: G. Barbèra, 1900.

de Finzi não acrescenta muito. Na verdade, a biografia propriamente dita não chega a ocupar metade do volume, enriquecido com capítulos à parte, dedicados a aspectos específicos do poeta, como a sua intimidade, seu nacionalismo, seu projeto intelectual, suas anomalias. Visivelmente disposto a recusar as mitificações românticas, Finzi diz-se decidido a reconstruir um retrato biográfico menos heróico e singular, e portanto mais verdadeiro e mais humano, esclarecendo, por exemplo, que muitos dos poemas de Petrarca podem ter sido escritos a outras mulheres, já que o poeta era sensível às seduções da beleza²⁶. O biógrafo italiano foi o único a utilizar amplamente as conquistas científicas do naturalismo para aplicá-las ao entendimento da vida de Petrarca. Apoiado em conclusões antropológicas e frenológicas, por meio da análise do crânio do poeta (eram exposições de um certo Dr. Giovanni Canestrini), Finzi faz um retrato de seu biografado à luz do pressuposto de Lombroso de que os gênios apresentam anomalias ou degenerações. Petrarca, a exemplo do *uomo di genio*, não era exatamente um degenerado, mas apresentava sintomas de condições patológicas, como a melancolia, a predisposição erótica, o exagero dos sentimentos e as dissidências entre seus ideais e suas vontades.

Outras biografias românticas estenderam-se pelo fim do século XIX até início do século XX, com maior ou menor grau de representação idealizadora e sempre tendentes a reconstruir a vida de Petrarca por meio da leitura do *Canzoniere* como documento legítimo de autobiografia. Esse método seria o ponto de partida do biografismo romântico, apto a decifrar nas poesias petrarquianas uma espécie de sinceridade poética. Sem negligenciar a existência da diminuta biografia de M. F. Fuzet (1883), de tendência algo religiosa, lembro o trabalho de A. Mézières, da Académie Française, que acreditou poder reconstruir a organização psicológica do *Canzoniere* por meio da leitura atenta dos poemas na seqüência em que se encontravam no livro. Seu *Pétrarque: étude d'après de nouveaux documents* (1868), portanto, propõe-se a uma biografia de caráter psicológico, com vistas a recompor a vida íntima de Petrarca. Os *nouveaux documents* mencionados no título referem-se às edições de Rossetti e Fracassetti, respectivamente para as *Epístolas Métricas* e para as *Familiars* e *Senis*, publicações imprescindíveis para o século XIX. O texto de Mézières está centrado na questão amorosa de Petrarca, uma de suas quatro paixões, e a mais importante, segundo o autor, seguida da amizade, do culto às letras e do patriotismo. Mézières condena no humanista sua linguagem retórica e por vezes artificial, mas admira-lhe a paixão profunda e sincera, um “*parfum pénétrant de sincérité et d’émotion*”²⁷. Por dois longos capítulos, o biógrafo reconstrói uma “psicologia do amor” contida nas poesias, pontuando cada um dos momentos da experiência íntima de Petrarca, incluindo as crises amorosas, os intervalos, as condutas arbitrarias de Laura, os refúgios e descansos, os incidentes, os encontros dos amantes, o sofrimento depois da morte da amada e até mesmo as reações do marido dela – uma proposta que deverá abrir caminho para o moderno Frederic J. Jones. No todo, uma análise datada, porém compensada por outras temáticas abordadas no livro, como a questão política e o programa cultural humanista de Petrarca.

26. *Ibidem*, pp. 105 e 108.

27. Mézières, A., *Pétrarque: étude d'après de nouveaux documents*. Nouvelle édition. Paris: Librairie Hachette, 1895, pp. 48-49.

May Alden Ward, a primeira americana a participar dessas discussões biográficas, com o seu *Petrarch: a sketch of his life and works*²⁸, embora não seja propriamente uma exceção ao método romântico da “sinceridade poética”, tem olhos agudos para enxergar sutilezas da vida de Petrarca e saídas engenhosas para explicar fatos políticos e pessoais da vida do humanista. Também autora de um *Dante: a sketch of his life and works*, May Alden Ward já tinha consciência de que o próprio Petrarca não queria ser lembrado como a personificação do amante, e que apenas os eruditos iriam debruçar-se sobre o estudo de seu ardor humanista. Sua biografia é bem ordenada, detalhada e coerente, e o que é mais admirável em seu texto é a capacidade singular de evidenciar os interesses e as manipulações de Petrarca em torno de seus projetos políticos e culturais. Ward é capaz de pontuar críticas a Petrarca sem demolir sua imagem, sem desprezar o sentido e a grandeza de sua obra. Nenhum biógrafo do século XIX foi capaz de apresentar, com tamanha lucidez, um quadro tão visível dos projetos políticos e do vasto programa humanista de Petrarca, embora análises mais agudas da poesia e de suas possibilidades alegóricas tenham sido ali deixadas de lado. O enigma de Laura não interessa muito a Ward. Em capítulo sobre a musa, considera as hipóteses de Sade como prováveis, sem se deixar seduzir ou indignar por causa delas, mas ao mesmo tempo vê a possibilidade de uma Laura como ficção poética, como a sugerir que, numa ou noutra hipótese, o mérito não é importante.

Entre os ingleses do período vitoriano e pós-vitoriano, Henry Reeve, H. C. Hollway-Calthrop, Maud Jerrold e Edward H. R. Tatham²⁹ deram contribuições semelhantes, no plano interpretativo, embora o último deles tenha reunido material bem mais vasto e permanecido como referência mais lembrada. Em todos eles, como em grande parte das biografias de inspiração romântica, o problema central é a vida amorosa de Petrarca e a poesia em vernáculo, ainda que a leitura das cartas ajude a sustentar outras convicções. Desde o século XIX, à exceção de Sade, já se intuía a importância do epistolário, mas não houve um biógrafo que pudesse compreender-lhe o sentido pleno, pelo menos antes da expansão dos estudos filológicos. Nesse momento, as conclusões de Sade já são amplamente questionadas, à exceção de Henry Reeve, que parece ter feito mais um comentário superficial às obras de Petrarca do que propriamente uma biografia. Reeve adota as conclusões de Sade, mas sente-se inseguro quanto à possibilidade factual dos acontecimentos narrados no *Canzoniere*. Ainda envolvido por uma crença romântica na idéia de poesia como imaginação sentimental, o crítico inglês, no entanto, propõe saídas que acabaram merecendo a aceitação moderna da crítica filológica: compreendeu, por exemplo, que o *Canzoniere* é uma ficção, a história de um mito. Se essa compreensão pode soar moderna, deve-se lembrar que o biógrafo vitoriano não enxergou na persona poética de Petrarca um mérito, mas um “defeito”: faltavam a seus poemas os domínios do coração, o pathos que esteve presente em Burns, por exemplo³⁰.

Hollway-Calthrop, ao contrário, preferiu não acreditar muito em Sade. Desconfiava das intenções propositadas de Petrarca, que destruiu vestígios para uma identificação de Laura, com o intuito de fabricar um mito. No entanto, o grande problema de sua biografia é confiar exces-

28. Ward, May Alden, *Petrarch: a sketch of his life and works*. Boston: Robert Brothers, 1891.

29. Reeve, Henry, *Petrarch*. Edinburgh/London: William Blackwood and sons, 1878. Hollway-Calthrop, H.C., *Petrarch: his life and times*. New York: Cooper Square Publishers, Inc., 1972. Jerrold, Maud F., *Francesco Petrarca: poet and humanist*. London/New York: J.M. Dent & Co./ E.P. Dutton & Co., 1909. Tatham, Edward H. R., *Francesco Petrarca: the first modern man of letters. His life and correspondence: a study of the early 14th century. Vol. I: Early years and lyric poems. Vol. II: secluded study and public fame*. London: Shelton Press, 1925-26.

30. Reeve, Henry, op. cit., p. 118.

sivamente no testemunho de Petrarca como forma de rastrear os episódios mais íntimos de sua vida. Maud Jerrold, que tende mais a aproximar Petrarca de sua sensibilidade romântica, embora elogie as cartas latinas por suas inovações lingüísticas, insistentemente culpa seu biografado (a exemplo de Mézières) pelo vínculo excessivo com a retórica e pela incompreensão de que poesia deve ser imaginação, pois que o poeta humanista acreditara, conforme concepção de sua época, que o aspecto mais importante da poesia é a alegoria.

Mais ousado que seus contemporâneos, Edward Tatham parecia estar disposto a um trabalho volumoso que ombreasse com as antológicas *Mémoires* de Sade, mas as 900 páginas de seu estudo, distribuídas em 2 volumes, espantosamente só alcançaram a primeira parte da vida de Petrarca, até 1348. O resultado é um texto bastante minucioso, eventualmente interessante, mas enfadonho e prolixo, quando trata de cenários históricos ou outras questões marginais. Apesar de extenso e detalhado, Tatham não tem olhar tão agudo e crítico que possa resolver problemas fulcrais da vida e da obra de Petrarca. Conhecedor da extensa bibliografia publicada sobre seu biografado, Tatham parece fazer uma compilação proveitosa de tudo o que leu, sem, no entanto, oferecer contribuições interpretativas muito substanciais. Diante desse quadro, e apoiando-se em ultrapassados métodos científicos do século XIX, Tatham põe-se a uma análise do caráter de Petrarca, lembrando que Lombroso tomara o humanista por um epilético e acrescentando que o pobre amante de Laura é indivíduo fraco e incapaz de manter na prática aquilo em que acreditava em teoria.

No todo, as biografias de tendência romântica iniciadas pelo trabalho inaugural de Sade detiveram-se na leitura das obras, especialmente das poesias em vernáculo, como ponto de partida legítimo e irrefutável para a construção da vida de Petrarca, partindo do pressuposto de que uma sinceridade poética estaria acima de quaisquer intenções míticas, alegóricas ou moralizantes. A identificação de Laura tornou-se matéria de controvérsia, porque sua condição de casada ou solteira era determinante para uma adequação moral do poeta aos princípios burgueses. Os ingleses, sobretudo, mas também alguns italianos, foram em defesa da honra da musa, para que a poesia não fosse manchada por qualquer vestígio de adultério ou imoralidade. De outro lado, ao construir um Petrarca individualista, melancólico e transgressor de valores burgueses (nos casos, por exemplo, em que o poeta era personalidade mais determinante e significativa que o insensível marido de Laura), os biógrafos românticos não compreenderam que esse projeto era inviável, porque não condiz com o humanista edificador de princípios éticos e morais. A ética civilizatória de Petrarca, sua crença no estoicismo cristão, seu projeto de controle dos ímpetos e paixões, seu programa cultural moralizante – tudo isso foi incompatível com a moral individualista romântica, com a crítica da razão e da civilização empreendida pela subjetividade burguesa. Petrarca foi o homem da civilização e da edificação ética; os românticos, ao contrário, acreditaram no sofrimento redentor, no ímpeto e nas paixões primitivas como verdade humana. Por isso, não entenderam que a suposta “melancolia” contida no *Canzoniere* (conceito inadequado de De Sanctis) não era o sofrimento de um sujeito inconformado com as práticas civilizatórias e com

os princípios racionalistas de uma sociedade fria, tecnológica e mecanizada, mas a exposição de uma identidade que anseia pela redenção e pelas verdades que apenas a civilização e a religião institucionalizada são capazes de trazer. Mais que isso, não entenderam que o *Canzoniere* não era a história de uma paixão, menos ainda de uma paixão pessoal, fruto de uma experiência de vida; antes, era a história de uma redenção, a redenção ética e espiritual de uma identidade fictícia inventada pela retórica da poesia, uma identidade modelada sob o princípio da imitação dos clássicos. Estava certo Umberto Bosco, quando dizia que os críticos românticos foram iludidos por sua crença na sinceridade poética. Em tanto debate acalorado sobre a vida do poeta, perderam o seu tempo. Mas pelo menos (e isso é o que importa) modelaram o mito de “seu” Petrarca.

4. O grupo moderno

Conforme já mencionamos, o ponto de partida para uma compreensão mais lúcida da vida de Petrarca foi o trabalho de filologia empreendido a partir de meados do século XIX, inicialmente com a edição das cartas por Rossetti e Fracassetti e, mais tarde, com a publicação de textos inéditos igualmente curados pela investigação filológica. Sade estava certo quando disse que, para se entender a vida, é preciso ler a obra, embora não pudesse alcançar o pleno significado dessa afirmação, pelo menos no que diz respeito a Petrarca. A obra ajudou a fixar datas e estabelecer fatos e limites na vida do biografado, mas não era tudo: era preciso então decifrar os aspectos simbólicos e míticos dessa obra, considerar que sua superfície autobiográfica escondia manipulações literárias e jogos retóricos. Talvez esta tenha sido a grande revolução epistemológica nessa “arqueologia” das biografias de Petrarca: a subversão crítica no entendimento da própria obra. Foi preciso entender que, embora falasse de si mesmo como sujeito lírico, como personagem central de acontecimentos dramáticos, Petrarca, ao mesmo tempo, criava uma ficção, uma espécie de fábula ou romance, em que o personagem central era construído por meio da manipulação de modelos do classicismo e da literatura religiosa. Isso serve tanto para o *Canzoniere*, quanto para as cartas, e ainda curiosamente para o *Secretum*, registro de caráter intimista e confessional. Até onde essa ficção invade a autobiografia é difícil estabelecer. O certo é que, se Petrarca parte de acontecimentos verdadeiros, não os registra sob o critério da realidade, mas da fantasia literária, o que não significa que fatos possam ser tidos como inteiramente falsos ou inventados. E o biógrafo precisa estar atento a esse desafio, que jamais será decifrado em seu todo. Basta lembrarmos que, 700 anos depois de seu nascimento, ainda não sabemos se Laura é realidade ou pura ficção – para entrarmos no mérito mais básico de sua biografia. Afora todo esse problema, Petrarca precisa ser lido sob o olhar do tempo histórico em que viveu. Inútil atribuímos a ele pensamentos e indagações que não fizeram parte de sua obra, por mais que ele tenha sido inovador. Até mesmo suas inovações foram inspiradas pelo seu tempo. Isso serve para qualquer homem da história.

Henry Cochin, que não é propriamente um biógrafo, mas um filólogo cujas pesquisas resultaram em contribuições significativas para a biografia de Petrarca, é uma das referências novecentistas mais importantes para os trabalhos modernos. Cochin esteve em Vaucluse e Arquà para conhecer de perto os espaços de convivência do humanista. Seu *François Pétrarque (1304-1374): Préface et traduction*, se não é referência importante no biografismo do poeta (o texto é curto, sem grandes novidades), representa pelo menos um conjunto de investigações do filólogo sobre Petrarca.

Um dos interlocutores de Cochin, Arnaldo Foresti (1867-1944), que também irá manter diálogo com o americano Ernest Wilkins, apesar de seu magistério na crítica romântica (foi discípulo de Carducci), é possivelmente um dos primeiros biógrafos modernos de Petrarca a aplicar os recursos conquistados pela filologia. Foresti manteve amplas discussões com a crítica filológica mais importante de seu tempo – crítica que fez renascer um extraordinário painel humanista na primeira metade do século XX. Os trabalhos esparsos de Foresti, que resultaram na compilação em volume de 1928, *Aneddoti della vita di Francesco Petrarca*, posteriormente ampliada, não constituem uma biografia no sentido convencional, mas um conjunto de notas e considerações independentes sobre a vida de Petrarca que foram agrupadas em ordem cronológica. Nos 56 ensaios reunidos, Foresti, que também deu contribuições importantes aos estudos de Dante e Boccaccio, estabeleceu referências para a fixação de datas e fatos na biografia petrarquiana, além de interpretações possíveis de sua obra. Seu ponto de partida, no entanto, ainda tem ecos determinantes da crítica romântica, como o princípio da sinceridade literária, em que a retórica e o artifício não dão contribuições ao jogo da poesia.

Suas pesquisas encontraram respostas no trabalho de Fortunato Rizzi, com quem ele também manteve diálogo. Rizzi, que a exemplo de Tatham dedicou-se a apenas um momento da vida de Petrarca, exclusivamente os anos vividos em Parma, oscila entre a crença de que a obra petrarquiana é fruto da composição espontânea, portanto resultado de fatos da vida, e a desconfiança de que o humanista sacrifica datas e fatos em função da arte³¹. Rizzi, em seu livro, ressaltou a importância de Parma na vida política e cultural de Petrarca, segundo ele até então negligenciada por muitos biógrafos, e apontou o decênio vivido pelo poeta na cidade emiliana (1341-1351, com interrupções) como um dos momentos de maior crise espiritual em sua vida, idéia hoje refutada por muitos. Nesse sentido, Rizzi menciona e esclarece, com grande lucidez, cada um dos projetos políticos e culturais empreendidos por Petrarca ao longo dos dez anos vividos sob a inspiração de seu “Hélicon italiano”, como a crença na administração de Azzo da Correggio, o apoio à rebelião de Cola di Rienzo, o projeto de unificação da Itália, a composição do *Africa* e dos tratados religiosos, e o rompimento com os Colonna.

Outro dos grandes interlocutores de Foresti é o americano Ernest Hatch Wilkins, cuja biografia escrita nos anos de 1950 é tida, com justiça, como uma das mais importantes contribuições aos estudos petrarquianos no século XX. Wilkins, estudioso atento e disciplinado, é um belo exemplo de como a leitura de uma obra autobiográfica é capaz de revelar a vida, mesmo na

31. Rizzi, Fortunato, *Francesco Petrarca e il decennio parmense (1341-1351)*. Parma: G. B. Paravia & C., 1934.

presença das artimanhas e truques retóricos de Petrarca, os quais ele é capaz de enxergar (por vezes parcialmente), num diálogo constante com as pesquisas históricas e filológicas de seus contemporâneos e antecessores. Wilkins, como outros biógrafos já mencionados, focalizou seus estudos na segunda parte da vida de Petrarca, especialmente a partir de sua última temporada na Provença (1351-1353), embora suas pesquisas como um todo o tenham levado a uma *Life of Petrarch* (1961), de caráter geral³². O trabalho de Wilkins parte de um projeto ímpar de sistematização da vida do humanista, recompondo em detalhes cada ano, eventualmente cada mês, da segunda parte de sua vida. Enfim, um monumento à memória de Petrarca, hoje impossível de ser negligenciado por qualquer estudioso do poeta³³.

No entanto, minucioso demais nos detalhes e preocupado com a acuidade histórica e documental, Wilkins se esquece por vezes de que tem em mãos uma personalidade extraordinária que certamente nos empurra à interpretação de um momento especial da História, que é a ascensão do Humanismo. Algo tendencioso ao defender Petrarca em seus posicionamentos políticos ou pessoais, o biógrafo americano evita levantar polêmicas ou apontar defeitos e contradições em sua obra, deixando inclusive de interpretar passagens problemáticas ou espinhosas para um biógrafo atento. O nacionalismo de Petrarca, com seus preconceitos culturais, por exemplo, é sempre uma questão complicada que precisa ser levada em conta. Ao comentar a carta Fam. XIX 14, em que Petrarca faz o elogio da Itália em detrimento das regiões bárbaras, ou ao falar da querela de Petrarca contra Jean de Hesdin em defesa da Itália (que o levaria à *Invectiva contra eum qui maledixit Italia*), Wilkins não atenta para o fato de que o programa cultural do humanista em defesa de Roma parte de uma visão pessoal míope e ultrapassada da História³⁴.

Estudos mais recentes no campo do biografismo petrarquiano incluem os trabalhos de Ugo Dotti, Vinicio Pacca, Frederic J. Jones e do já comentado Giuseppe Frasso, que em 1974, com seu mestre Billanovich, apresentou um painel de informações e fontes iconográficas sobre a vida de Petrarca que resultou no catálogo *Itinerari con Francesco Petrarca*. A curta biografia de Frasso (já aqui mencionada), apesar de muito sintética, é capaz de fazer um resumo bastante revelador do “primeiro moderno”: assume que o critério de composição das cartas não é documental, mas artístico; que o espírito investigador de Petrarca é uma de suas grandes contribuições à modernidade; que o humanista modelou sua biografia à luz da vida de santo Agostinho; e, por fim, que ele, numa estratégia que viria a ser prática comum na Renascença, buscou a proteção política dos poderosos de seu tempo (como os Colonna, em Avignon; Azzo da Correggio, em Parma; Roberto de Anjou, em Nápoles; os Carrara, em Pádua; os Visconti, em Milão; os Benintendi Ravagnani, em Veneza), inaugurando uma nova era de encontro entre a cultura humanista e o poder político. São estas também as conclusões de Ugo Dotti, em sua biografia do poeta, que se tem desdobrado em volumes diversos³⁵. Dotti tem-se revelado o biógrafo mais importante do fim do século XX e, ao mesmo tempo, um crítico capaz de dar significados novos à obra de Petrarca, à luz de tantas descobertas promovidas por seu século.

32. A grande biografia de Wilkins compreende os seguintes volumes: Wilkins, Ernest Hatch, *Studies in the life and works of Petrarch*. Cambridge, MA: The Mediaeval Academy of America, 1955. *Petrarch's Eight Years in Milan*. Cambridge, MA: The Mediaeval Academy of America, 1958. *Petrarch's Later Years*. Cambridge, MA: The Mediaeval Academy of America, 1959. *Life of Petrarch*. Chicago: The University of Chicago Press, 1961.

33. Seu projeto de sistematização da vida e da obra inclui ainda o volume *The making of the Canzoniere and other petrarchan studies*. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, que pretende reconstruir cada um dos passos de Petrarca na elaboração do *Canzoniere*, desde as rimas esparsas da primeira juventude, à redação final do manuscrito Vat. lat. 3195.

34. Wilkins, E. H., *Petrarch's eight years in Milan*, cit., p. 123; *Petrarch's later years*, cit., pp. 236-237.

35. Os trabalhos biográficos de Ugo Dotti têm rendido os seguintes volumes: *Petrarca a Milano: documenti milanesi - 1353-1354*. Milano: Casa Editrice Ceschina, 1972 (Col. “Biblioteca Milanese”); *Vita di Petrarca*. Roma/Bari: Laterza, 1987; *Petrarca a Parma*. Reggio Emilia: Diabasis, 2006.

Consciente das contradições políticas de seu biografado, dos seus processos intermitentes e disciplinados de criação literária e das constantes máscaras ficcionais fabricadas pelo poeta, Dotti mostra um quadro profícuo e sugestivo daquele que ajudou a construir as bases do mundo moderno. Vinicio Pacca³⁶ segue-lhe os passos e propõe uma das biografias mais didáticas de Petrarca: a relação entre vida e obra é coerente e bem articulada, o comentário sobre as obras é curioso e o aproveitamento das pesquisas empreendidas no último século é revelador. Mérito de sua biografia é desmistificar a idéia de que Petrarca desprezou seus poemas italianos como *nugae* (“bagatelas”, conforme o próprio poeta dizia) e de que os teria destinado a gente incapaz de leituras. Diferentemente da tendência moderna, que tem lido a obra de Petrarca como construtora de mitos e identidades, Frederic Jones, o mais recente biógrafo inglês de Petrarca (embora suas pesquisas não tenham resultado propriamente numa biografia), propôs uma volta a critérios românticos, promovendo novas investigações sobre a identidade de Laura, sugerindo que Petrarca sempre partiu de situações reais e as transformou em poesia, o que o torna um poeta realista que jamais inventou circunstâncias amorosas. Revendo o Abade de Sade e analisando imagens, ícones e símbolos contidos no *Canzoniere*, propõe a viabilidade das teses do abade e afirma que a busca por uma identidade de Laura pode não ser tão infrutífera quanto afirmam³⁷. Apesar de argumentativas e firmemente sustentadas pela obra do poeta, suas conclusões não deixam de ser arbitrárias e imprecisas, o que apenas confirma a certeza de que uma biografia de Petrarca não pode estar amparada na convicção de uma “sinceridade poética” ou “legitimidade autobiográfica” de sua obra.

5. Considerações finais

Diante desse imenso quadro, ou histórico, das biografias de Petrarca, resta dizer que a obra do humanista é o resultado de uma ampla reflexão sobre o mundo e sobre si mesmo, que parte tanto de critérios factuais e subjetivos, quanto literários, e será tarefa árdua do biógrafo compreender até que ponto as interpolações míticas e alegóricas sacrificam a veracidade e o compromisso autobiográfico.

Cumprir dizer ainda que este breve histórico das biografias de Petrarca não pode aspirar a uma solução definitiva de muitos problemas aqui evidenciados. Diante da extensão do *corpus*, negligenciei propositadamente algumas biografias, seja pela impossibilidade de acesso ao texto (algumas permaneceram inéditas em atas ou manuscritos), seja por seu caráter inexpressivo. É possível que esse critério tenha permitido falhas, mas estou convencido de que as biografias aqui comentadas representam um conjunto plenamente satisfatório para a composição e compreensão de grupos críticos que, em grande parte, compuseram não exatamente biografias, mas identidades

36. Pacca, Vinicio, *Petrarca*. Roma/Bari: Laterza, 1998.

37. As pesquisas de Frederic Jones resultaram no livro *The structure of Petrarca's Canzoniere: a chronological, psychological and stylistic analysis*. Suffolk: D. S. Brewer, 1995, que, embora não seja uma biografia de Petrarca, propõe-se a uma reconstrução dos passos do poeta na composição do *Canzoniere*, por meio de uma investigação psicológica de sua conturbada vida íntima, seguindo a teoria da catástrofe.

38. Tatham, Edward. H., *C. Francesco Petrarca: the first modern man of letters*, cit., p. X.

postiças de uma face de Petrarca em especial (verdadeira ou não), sempre adequada a interesses políticos ou programas culturais. Prova de que o mito que ele criara de si multiplicou-se em diversos outros mitos, todos eles reescrituras e paródias de um mito inicial, também ele paródia de outros, o que comprova a notável hipótese de Tatham de que a melhor interpretação de uma época pode estar nos apontamentos de uma única vida³⁸